



## **PROCESSOS FORMATIVOS EM SAÚDE E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES PARA CONSTITUIÇÃO DE PRÁTICAS DE CUIDADO CONTRACOLONIAIS**

TRAINING PROCESSES IN HEALTH AND EDUCATION: POSSIBILITIES FOR  
CONSTITUTING COUNTERCOLONIAL CARE PRACTICES

Luciana Rodrigues <sup>1</sup>  
Bruna Moraes Battistelli <sup>2</sup>

Querida/o leitora/or,

Certa vez nos indagamos se seria possível pensarmos em práticas de cuidado em um mundo sustentado por valores da supremacia branca, que destilam práticas de violências sobre corpos produzidos pelas heranças coloniais como subalternos. Escutamos e testemunhamos histórias que, por vezes, nos lembram nossas próprias cicatrizes frente à violências que nossos próprios corpos já sofreram, violências produzidas por sistemas de dominação que reproduzem o machismo e o racismo, entre outras formas de opressão. Trabalhar com a formação em saúde e em educação exige dos nossos corpos e subjetividades um posicionar-se ético e político que se coloque contra as políticas de dominação, pois não há cuidado sem que haja enfrentamento e despectuação com os sistemas de fundam um certo modo de pensar que se consolida neste modelo, ainda, branco e eurocêntrico de formação.

Quando propomos este convite-dossiê estávamos preocupadas em pensar/questionar sobre como as práticas de formação estão empenhadas em tensionar os processos hegemônicos que se sustentam em violências e que por vezes nomeamos por cuidado. Queríamos criar um catálogo de práticas de pesquisa que pudessem se constituir como uma coleção de fazeres do cuidado, afirmando como não apenas necessário, mas possível orientarmos nossas ações em busca de um mundo menos violento em nossos cotidianos e que esteja aliançado com a transformação por justiça social.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0061-1402> Email: [lurodrigues.psico@gmail.com](mailto:lurodrigues.psico@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0973-0934> Email: [brunabattistelli.ufpr@gmail.com](mailto:brunabattistelli.ufpr@gmail.com)



Somos pesquisadoras de campos diversos da psicologia, uma trabalha com psicologia social na formação de psicólogas/os e a outra trabalha com psicologia da educação na formação de professoras/es. Ambas têm como compromisso oferecer processos de formação às suas/seus estudantes que, a partir do diálogo com saberes contracoloniais possam perturbar a ordem posta em currículos (brancos e norte global centrados) que pouco, ou nada, falam ou fazem para o enfrentamento ao racismo, à homofobia, ao capacitismo, às violências de gênero e de classe.

Por que nos preocupamos com o cuidado, com o ensino sobre as possibilidades de sua produção e com as possibilidades de pesquisa relacionadas ao tema? Porque entendemos que para que possamos, de fato, enfrentar as lógicas de dominação que permeiam nossos existires e nossas formações, temos que ter um compromisso com as relações mais cotidianas dos nossos fazeres. Ensinamos nossas/os alunas/os ao exercício de um cuidado antirracista, compromissado com o enfrentamento à supremacia branca, aos sistemas de opressão de gênero e de classe, em ato e com coerência (Collins, 2019). Nossas atividades de pesquisa, ensino e extensão estão aliançadas com um fazer que se inspira, prioritariamente, no que aprendemos com os feminismos negros, de cor e com autoras/es contracoloniais que nos ensinam, desde suas cosmopercepções, que os agenciamentos de cuidado não são pacíficos e, por vezes, se constituem enquanto práticas de enfrentamento.

Desta forma, os estudos apresentados neste dossiê dialogam com essas aspirações: são pesquisas, práticas de extensão, relatos de experiência que intentam transformar processos formativos desde o radical questionamento dos nossos compromissos e pactuações. Nesse sentido, como é possível seguirmos nossas formações em saúde e educação sem questionarmos à aliança com a supremacia branca que consolida currículos e percursos em saúde? Não estranharmos uma formação em educação que não cumpre a legislação vigente que institui o ensino da história e cultura da África e dos povos indígenas? Como caminhos possíveis para essas perguntas, os estudos apresentados aqui, desde suas localidades e localizações, se comprometeram com a proposta do dossiê em se questionar e ampliar as discussões sobre como entendemos os processos formativos e as práticas de cuidado.



Inspiradas em uma produção conjunta prévia, intitulada *Pela produção de um cuidado antirracista: problematizando práticas, construindo percursos decoloniais* (Rodrigues & Battistelli, 2021) articulamos diálogos-convites para pensarmos sobre como ofertamos cuidado na atuação no campo das políticas públicas e nos indagamos sobre questões como: “Quem se responsabiliza pelo cuidado com as mulheres que exercem o trabalho do cuidar?” (p. 399). Neste dossiê expandimos a linha de interesse e convidamos pesquisadoras/es que em seus cotidianos vem constituindo linhas de pesquisa que dialoguem com preocupações como as nossas. Ou seja, que estejam implicadas/os com como nos comprometemos com uma possibilidade de mundo no qual as violências cometidas em nome dos sistemas de opressão não passem despercebidas para poderem ser enfrentadas. Se o “cuidado é um modo de fazer na vida cotidiana que se caracteriza pela atenção, responsabilidade, zelo e desvelo com pessoas e coisas em lugares e tempos distintos de sua realização” (Pinheiro, 2008, p. 110), temos que fomentar pesquisas no campo da saúde e da educação que dialoguem esse conceito com o enfrentamento à supremacia branca e todo sistema de valores em prol da dominação que nela se afirma.

Nossa proposta, para este dossiê, passou, então, pela oferta de perguntas-convites que movimentassem o exercício do nosso pensamento a dialogar sobre os processos formativos nos campos da saúde e da educação no Brasil desde as relações mais miudinhas do cotidiano. Esses processos têm se colocado contra sistemas de dominação (hooks, 2019)? Ou reafirmado lógicas excludentes e violentas que se sustentam por valores supremacistas brancos, capitalistas, racistas, capacitistas e misóginos? Conscientes do impacto da supremacia branca e da branquitude nos processos de formação em saúde e/ou educação e do quanto práticas formativas no campo do cuidado ainda performam, de modo geral, os valores supremacistas brancos, buscamos evidenciar pesquisas que mostrem percursos de enfrentamento aos sistemas de opressão.

Portanto, precisamos evidenciar e problematizar as contradições nos processos formativos em saúde e/ou educação quanto ao tema do cuidado, visando construir práticas contracoloniais que produzam brechas antirracistas nestes campos. Nesse sentido, acolheu-se estudos que questionaram os saberes hegemônicos constitutivos dos processos de formação em saúde/educação e, também, apontaram os desafios ao enfrentamento aos sistemas de opressão, principalmente no



que tange ao racismo, sexismo e opressões de classe, a partir de pesquisas e estudos em diálogo com epistemologias e saberes contracoloniais e antirracistas, cunhados por intelectuais desde suas posicionalidades movimentando o campo da saúde e da educação.

Nesse caminho, o primeiro artigo intitulado *Processos formativos em educação e saúde nas práticas de cuidado decoloniais* (Oliveira, Fracolli, Pereira & Farias, 2023) constitui um ensaio baseado em pesquisas bibliográficas e diálogos com o Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-raciais, se debruçando sobre processos formativos em educação e saúde pensando às práticas de cuidado na esteira de uma perspectiva decolonial.

O segundo artigo intitulado *Narrativas feministas negras em contextos educacionais, uma análise a partir da lei n. 10.639/03* (Laurindo, Ribeiro, Silva, Batista, Sá & Martins, 2023), busca discutir e compartilhar as experiências e produções de um percurso formativo vivenciada em uma disciplina sobre epistemologias feministas negras no campo da educação, chamando atenção tanto para os desafios da formação intelectual de mulheres negras, frente as opressões que recaem sobre seus corpos, como para práticas educativas antirracistas e antissexistas.

No terceiro artigo, intitulado *O que é acolher em tempos de quarto de despejo?* (Piasenski & Battistelli, 2023), as autoras, dialogando com o livro *O Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, nos apresentam um ensaio teórico onde discutem o tema do acolhimento em saúde mental destacando a fome como uma violência que perpassa a vida de usuárias/os nos serviços em que a psicologia se encontra e que precisa ser considerada como um analisador para pensar uma clínica ampliada e engajada com as lutas pela possibilidade de existir com dignidade.

No quarto artigo *O que pode o homem negro sentir? Produção de subjetividades, violência e modos de resistir/existir* (Lima & Romanini, 2023), os autores produzem um ensaio no qual nos convidam a pensar sobre como os processos de produção de subjetividade de homens negros são constituídos pela violência, propondo um movimento de ação-reflexão sobre o tema da saúde mental de homens negros, denunciando o racismo estrutural e as práticas genocidas contra essa população como produtoras de sofrimento psíquico, propondo, ainda, reflexões sobre existir e resistir frente a essas violências.



O quinto artigo *Ser bonita é ser você: projeto sobre empoderamento feminino em escolas* (Prata & Leal, 2023) traz um relato de experiência sobre o referido projeto realizado em três escolas municipais de Belo Horizonte. Buscando a garantia de uma educação pautada na luta antirracista e antissexista, o projeto trabalhou na perspectiva das relações étnico-raciais e de gênero, visando a afirmação do empoderamento das estudantes, assim como, suas autonomias no exercício do pensar e agir e no campo da cidadania, mostrando efeitos na valorização da autoestima e para a sustentação de uma educação de qualidade e relevância social.

O sexto artigo, intitulado *Atendimento a corpos negros nos estabelecimentos de saúde: desconstruindo preconceitos e promovendo uma ética do cuidado* (Santos, 2023), a partir de uma revisão da literatura, traz como temática o tratamento diferenciado - atravessado pelo racismo e preconceito de gênero - que corpos negros recebem ao acessarem serviços do sistema de saúde, destacando como, muitas vezes, a discriminação não ocorre de modo consciente, mas como efeito de uma normalização social tanto do racismo como do preconceito em relação ao gênero, o que torna urgente a promoção de uma ética do cuidado que respeite a diversidade.

O sétimo artigo intitulado *Justiça reprodutiva: um sul para onde seguir, um norte para (contra) lutar* (Scheuermann & Lütkemeyer, 2023), utilizando uma abordagem dedutiva e análise bibliográfica, apresenta uma discussão acerca das teorias hegemônicas no campo dos direitos humanos problematizando a discrepância do acesso aos direitos reprodutivos de mulheres racializadas, em relação às que não se radicalizam, na medida em que mostra como os direitos humanos hegemônicos não abarcam a luta por justiça social. Nesse sentido, aponta a justiça reprodutiva como um sul que possibilita o entrelaçando entre a luta por direitos reprodutivos e a luta por justiça social.

O oitavo artigo, intitulado *Interação entre universidade e comunidade na internacionalização do ensino superior: combatendo racismo e preconceito no interior do Ceará* (Araujo, Mendonça, Albuquerque & Paula, 2023), compartilha o relato de experiência do projeto de extensão Portas Abertas, Braços Abertos, desenvolvido pela UNILAB, no interior do Ceará, no âmbito da política de assistência estudantil, visando o fortalecimento da integração de estudantes e o combate ao racismo, através de informações, da promoção de reflexões, da aproximação entre estudantes e a população local e atendimentos e acolhimento em serviços de saúde e assistência social (municipais e internos à UNILAB).



O nono artigo intitulado *Notas preliminares para a descolonização da educação em saúde no Brasil* (Borges, Bitencourt, Santos, Soares & Dias, 2023) a partir de uma experiência vivida junto a uma escola pública em um município baiano, ligada ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, apresenta discussões sobre os desafios no campo da Educação em Saúde, tecendo críticas às heranças pedagógicas coloniais nas práticas de educação sanitária traçando aproximações entre Paulo Freire, Frantz Fanon e Exu como possíveis horizontes político-pedagógicos que possam contribuir para uma reorientação da formação em saúde.

## REFERÊNCIAS

- Araujo, R. C. B, Mendonça, F. W. O., Albuquerque, N. L. S. de, & Paula, L. R. C. de (2024). Interação entre universidade e comunidade na internacionalização do ensino superior: Combatendo racismo e preconceito no interior do Ceará. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/19017>
- Borges, S. A. C., Bitencourt, I. da S., Santos, S. G. A. dos, Soares, C. dos S., & Dias, L. M. B. (2023). Notas preliminares para a descolonização da educação em saúde no Brasil. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/18947>
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo editorial.
- hooks, b. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.
- Laurindo, K. M., Ribeiro, M. L. da H., Silva, M. P. da, Batista, P. A. P, Sá, S. B. de, & Martins, V. R. da S. (2023). Narrativas feministas negras em contextos educacionais, uma análise a partir da lei n. 10.639/03. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/19102>
- Lima, F. S. & Romanini, M. (2024). O que pode o homem negro sentir? Produção de subjetividades, violência e modos de resistir/existir. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/18973>
- Oliveira, L. G. F., Fracolli, L. A., Pereira, T. Z., & Farias, L. G. (2023). Processos formativos em educação e saúde nas práticas de cuidado decoloniais. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/18532>



Piasenski, L. C. & Battistelli, B. M. (2023). O que é acolher em tempos de quarto de despejo? *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/19084>

Pinheiro, R. (2008). Cuidado em Saúde. In: Pereira, I. B.; LIMA, J. C. F. (Orgs.). Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 110-114.

Prata, C. R. de S. & Leal, H. S. (2023). Ser bonita é ser você: Projeto sobre empoderamento feminino em escolas. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/18935>

Rodrigues, L., & Battistelli, B. M. (2021). Pela produção de um cuidado antirracista: problematizando práticas, construindo percursos decoloniais. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 13(37), 390–409. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1249>

Santos, D. V. B. dos. (2024). Atendimento a corpos negros nos estabelecimentos de saúde: Desconstruindo preconceitos e promovendo uma ética do cuidado. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/18426>

Scheuermann, G. F. & Lütkemeyer, C. L. (2023). Justiça reprodutiva: um sul para onde seguir, um norte para (contra) lutar. *Práticas E Cuidado: Revista De Saúde Coletiva*, 4. Recuperado de <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/19085>